

violência, segurança e política processos e figurações

Organizadores:

José Vicente Tavares dos Santos

Níliá Viscardi

Pablo Emilio Angarita Cañas

Maria Glaucéria Mota Brasil



© dos autores
1ª edição 2019

Direitos reservados a Tomo Editorial Ltda.

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em www.tomoeditorial.com.br.

Série **Sociologia das Conflitualidades**

Coordenação

José Vicente Tavares-dos-Santos

Editor

João Carneiro

Diagramação

Tomo Editorial

Capa

Atelier @Arte

sobre ilustração de Eduardo Oliveira

Revisão dos textos em português

Moira Revisões

Revisão dos textos em espanhol

Pablo Emilio Angarita Cañas, Nilia Viscardi

As referências bibliográficas dos textos em português seguem as normas da série *Sociologia das Conflitualidades*. As dos textos em língua espanhola seguem as normas do CLACSO.

V795 Violência, segurança e política / organização de José Vicente Tavares-dos-Santos [et al.] . – Porto Alegre : Tomo Editorial, 2019.
632 p. (Sociologia das Conflitualidades; vol. 10)

Outros organizadores: Nilia Viscardi, Pablo Emilio Angarita Cañas, Maria Glaucéria Mota Brasil.

ISBN 978-85-9516-016-3

I. Sociologia da violência. 2. Segurança pública. 3. Direitos humanos. 4. Polícia e violência do Estado. 5. Prisões e sistema jurídico.
I. Tavares-dos-Santos, José Vicente. II. Viscardi, Nilia. III. Cañas, Pablo Emilio Angarita. IV. Brasil, Maria Glaucéria Mota. V. Título.

CDU 316.48

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecária: Ketlen Stueber CRB 10/2221)

Tomo Editorial Ltda. | Fone/fax: +55 (51) 3227.1021
Rua Demétrio Ribeiro, 525 | CEP 90010-310 | Porto Alegre | RS | Brasil
tomo@tomoeditorial.com.br | www.tomoeditorial.com.br

Série
Sociologia das Conflitualidades
Vol. 10

Violência, Segurança e Política
processos e figurações

Organizadores:
José Vicente Tavares-dos-Santos
Níliá Viscardi
Pablo Emilio Angarita Cañas
Maria Glaucéria Mota Brasil



Porto Alegre, 2019

O ofício de professor de sociologia em tempos violentos e imprevisíveis

Rosimeri Aquino da Silva

Introdução

Qual o significado do ofício de professor de sociologia de Ensino Médio para licenciandos dessa área de conhecimento? Que relações os professores da educação básica estabelecem com a violência do atual cotidiano? Como a violência se inscreve nos seus ofícios? Essas são algumas das questões que procuraremos responder a partir de nossa experiência de professores orientadores que atuam na formação de novos professores de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nos valeremos das experiências com esses futuros docentes nos encontros, oficinas, debates ocorridos em sala de aula, e na análise de relatórios e entrevistas realizados com eles, em que a questão preponderante é o exercício profissional.

Se o trabalho contemporâneo num amplo espectro se caracteriza como precário, flexível, instável para todas as profissões, o futuro professor de sociologia, obviamente, não está fora desse contexto. Diversos estudos sobre a organização do trabalho na atualidade apontam que as mudanças tecnológicas, informacionais e outras, contribuem para a desregulamentação, precarização e conseqüente enfraquecimento de instituições de representação coletiva de trabalhadores em geral. Movimentos sociais em prol de melhorias e manutenção dos direitos dos educadores, assim como de outros grupos profissionais, vêm sendo reprimidos com uso excessivo da força policial e a violência, em seus múltiplos aspectos, se inscreve em seus cotidianos. A vulnerabilidade profissional não é uma condição nova para o professor de sociologia, pois historicamente sobre ele tem pesado um status de menor relevância. O presente trabalho visa compreender como os licenciandos de Ciências Sociais se adequam à conformação profissional da atualidade, e quais são as perspectivas que eles elaboram sobre o ofício de professor de sociologia para os anos que virão.

O ofício de professor de sociologia de Ensino Médio para licenciandos dessa área de conhecimento, o exercício profissional de professores, na sua ampla gama, na atualidade, ocorre num tempo compreendido por muitos como violento e imprevisível. Nos cenários da violência, a educação e seus atores sociais são partes constituintes. Neles, tornou-se lugar comum a afirmação de que a violência é natural e banal. é bem verdade que, nas coberturas jornalísticas, nas narrativas de acontecimentos trágicos do cotidiano brasileiro, inclusive naqueles que envolvem professores, ocorre a repetição de frases que parecem apontar o polo oposto ao da naturalização: *o crime que choca a comunidade, os moradores estão chocados; a população do Paraná ficou chocada com as cenas de violência contra os professores; vídeos de violência escolar voltam a chocar nas redes sociais; um episódio de agressão desmedida das forças policiais contra os servidores públicos que chocou o país inteiro.*

Num tempo violento e imprevisível, não há um porto de chegada seguro, determinado: esse é um entendimento geral, pronunciado pelos estagiários. Entretanto, não é possível afirmarmos que houve um momento de plena estabilidade para os professores de sociologia ou para os profissionais da educação na sua ampla gama. Não sabemos em que medida a certeza de que estaríamos numa profissão segura, estável, com objetivos muito bem definidos, não é uma crença ficcional que se assenta numa ideia de identidade profissional. Mas, certamente, vivemos tempos de desestabilização das certezas, se é que elas existiram em algum momento. A dúvida se instala na medida em que não é incomum o encontro dos estagiários em ciências sociais com as seguintes afirmações, proferidas nas escolas: antigamente o professor era valorizado, pois estava habilitado numa determinada área e o emprego era garantido; o salário era melhor; um concurso público garantiria seu futuro; naquele tempo não havia violência; a escola era diferente, havia respeito e valorização do professor; ninguém questionava sua autoridade; etc. Nessas máximas, ditas por antigos professores, reside a certeza de um passado que, sem sombra de dúvidas, foi melhor. Entretanto, ele se perdeu. A incerteza advém de nosso desconhecimento do que, de fato, nos ameaça e “... do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la...” (Bauman, 2008, p. 8).

Compreensões são elaboradas, de diversas ordens, de que todos devemos (a sociedade no seu conjunto) lutar contra a naturalização da violência e que, de fato, ela representa uma grande dificuldade para a consolidação da cidadania. Portanto, é pertinente a interpelação: afinal, a violência se encontra em um estágio de natural banalidade ou ela, de fato, choca? E, ainda: o que significa, efetivamente, chocar ou sentir-se chocado? Quando são ditos – tanto na pesquisa educacional e sociológica quanto nos meios convencionais de comunicação – que é urgente e necessário lutar contra a violência e que a educação é fundamental

para a construção de uma cidadania orientada contra a violência, sobre quais lutas e contra quais violências se faz referência?

Talvez a comunidade consultada, rapidamente questionada e/ou entrevistada apenas verifique que os fenômenos da violência se repetem incansavelmente, dia após dia, e sentir-se chocado é constituinte desse rito cotidiano. E, talvez, o choque referido pelos meios usuais e contemporâneos de comunicação se inscreva num plano no qual pouco importa a densidade, o peso real das palavras, interessa uma realidade medida pelos índices de audiência. Se a audiência e formadores de opinião expressam diversas máximas, entre elas a de que é preciso maior rigor da lei, traduzida no uso excessivo da força por parte dos aparatos de segurança, essas se constituem como verdades absolutas contra as quais qualquer argumento parece fragilizar-se. O marketing do medo tem pouco a oferecer além de medidas regressivas: proliferação de crimes hediondos, redução da maioria penal, humilhação pública dos supostos autores dos crimes sem julgamento, glorificação da violência policial, sensacionalismo, populismo penal e, finalmente, a construção de uma cidadania orientada pela desconfiança e pelo medo. (Semer, 2017; Teixeira, 2011).

Não se trata da busca da etimologia das palavras, dos verbos acessados no vocabulário da violência. O exercício compreensivo (especialmente, no caso em estudo, no campo da educação e da sociologia da violência) consiste em verificar seus usos na atualidade, quando algumas palavras associadas a essa fenomenologia parecem adquirir múltiplos e relativos significados. Por vezes, parecem ressonar clichês, cujo uso constante aniquila a concretude, a realidade que a constitui. Algumas palavras parecem encobrir o efeito real de determinadas ações dos sujeitos, dos atores sociais. Outras são usadas para superdimensionar acontecimentos, operando como instrumentos da violência, obstaculizando, é possível pensar, a compreensão do efetivo exercício da cidadania, assim como a consolidação de relações sociais pacificadas. O marketing do medo, referido no parágrafo anterior, de acordo com avaliação dos informantes desse trabalho, se faz presente no ambiente educacional. Ele produz suas verdades de difíceis contra argumentações, porque estão assentadas em retóricas cotidianas, estereótipos, desconfianças mútuas, intolerâncias, discriminações e outras microviolências diversas.

Em tempos de violência para que serve a sociologia?

É interessante pensarmos que a condição de estágio sempre é provisória e circunstancial, o que implica uma compreensão de que se vive, naquele momento, uma situação de passagem, em que um trabalho que exija um médio ou

longo tempo para ser realizado é da ordem do impossível. A sensação é a de que estamos imersos em um tempo veloz, fugidio, no qual um período de aula transcorre de maneira galopante. O excesso de informação impossibilita uma assimilação gradual e contínua de conhecimento, e faz com os jovens professores se frustrem diante da impossibilidade de atuar com maior disponibilidade de tempo para desenvolverem seus conteúdos de forma mais densa. Sentem que não conseguem aprofundar questões pertinentes a sua disciplina e permanecem à superfície do problema.

Nas palavras dos futuros professores, sempre faltava tempo, quando estávamos em pleno debate soava a sirene; preparei um conteúdo para cinquenta minutos de aula, se consegui dar quinze foi um sucesso; são muitas opiniões advindas de informações dispersas, colhidas das redes sociais; é difícil concentrar em argumentos e fundamentação teórica; em alguns momentos parecia que as fontes e os estudos sobre determinadas questões não importavam, o legal, para muitos alunos, era dizer se era contra ou se era a favor...

Os estagiários relataram exemplos de conteúdos sociológicos trabalhados com estudantes do ensino médio e as dificuldades encontradas: o uso da palavra “bullying” e suas modalidades (bullying físico, psicológico, sexual, etc.), além de ser uma importação de um termo exógeno, de acordo com a avaliação de alguns profissionais, é uma palavra que não abarcaria, de fato, a força e a realidade da violência, ou das múltiplas violências que ocorrem nas instituições escolares. Ou seja, palavras como o verbo “chocar” (relativo à violência midiática) e o “bullying” não expressariam o real significado, ou melhor, são palavras esvaziadas de sentidos reais. Há uma repetição destituída de agência. Assim, dizer que uma população está chocada parece ter o efeito oposto, ou seja, de que a população não está chocada, e sim acostumada, hipnotizada, paralisada diante dos fatos da violência.

Eventos, nos termos de Arendt, são ocorrências que irrompem rotinas; entretanto, nada é mais rotineiro do que violentas narrativas diárias, das quais a escola também é parte constituinte. Na mesma linha de análise, dizer que os meninos de uma determinada instituição escolar cometeram bullying contra as meninas não é a mesma coisa que dizer que eles abusaram sexualmente e/ou agiram de forma violeta contra as meninas. É como se, ao utilizar os termos chocar ou cometer bullying, os fatos ganhassem um significado mais polido, envernizado. O esvaziamento ético através do uso excessivo de termos e a própria análise dos eventos de uma pluralidade de violências se dão num contexto no qual “a velocidade, a fragmentação e a transitoriedade se constituem como traços característicos da sociedade da rede e da cultura digital. O contexto e seus instrumentos de comunicação têm colaborado para o debate público, mas também para a rápida diluição da memória sobre fatos de nossa vida social recente” (Cogo, 2015, p. 12).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda vigentes, é atribuição da sociologia do Ensino Médio o ensino dos fatos concernentes à vida social. Eles devem ser investigados, identificados, descritos a partir de referenciais sociológicos. Entretanto, o desafio de construir relações, estratégias, condições, didáticas e metodologias com vistas a contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos secundaristas é uma constante durante a realização dos estágios de docência, assim como a preocupação de que também caberia à sociologia auxiliá-los no exercício de questionamento crítico da realidade social.

Interação, observação, leituras, ambiente de sala de aula, planejamentos, currículos, materiais didáticos, desnaturalização, feminismos, cultura, imaginação sociológica, instituições, racismo, estranhamento, juventudes, sexualidades, relações de gênero, educação de jovens e adultos, diversidade cultural, misoginia, homofobia, conteúdos pertinentes, formas de ensino e aprendizagem, artes visuais, criação de espaços sociológicos nos ambientes virtuais, músicas, peças, poesias, fotografias, dicas de livros didáticos de sociologia, de filmes, de oficinas, e danças, entre outros componentes, estão na “caixa de ferramentas, na bagagem” do estagiário em ação na escola. Todos eles permeados pelo tempo escasso, dá a necessidade de se encontrar maneiras de aproveitá-lo ao máximo.

O trabalho visa também compreender como os licenciandos de Ciências Sociais se adaptam à conformação profissional da atualidade, e quais são as perspectivas que eles elaboram sobre o ofício de professor de sociologia para os anos que virão. O reconhecimento da docência brasileira na atualidade se dá em um quadro enigmático, complexo, indefinido. É uma profissão sujeita a planos de governo sempre contextuais, portanto, transitórios, à retórica da desvalorização profissional, e o sentimento de que é necessário fazer algo para modificar essa situação se faz presente em discursos tidos como mais ou menos progressistas, assim como nos discursos mais ou menos conservadores. Entretanto os investimentos estruturais destinados a ela e tudo o mais que a comporta têm sido mínimos. Quando interpelados sobre a violência escolar, de acordo com os relatórios de estágios, os significados elaborados pelos professores, atuantes nas escolas básicas, convergem para descrições das relações microfísicas que se dão na relação com os alunos. Aqui persistiriam relações não exatamente vinculadas às agressões físicas e/ou ameaças verbais, é algo da ordem do respeito, da humilhação. Muito embora agressões físicas aconteçam. Sobre esse aspecto, de acordo com a página¹ do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CEPERS-Sindicato), professores têm sofrido represálias constantes, o que causa temor e insegurança em tempos, por eles denominados como sombrios para a educação. Muitas denúncias de agressão contra educadores têm sido

1 Ver <<http://cpers.com.br/>>

registradas no Rio Grande do Sul e, segundo o CPERs, é de responsabilidade do Estado a segurança da integridade física da categoria. São exigidas medidas de segurança e proteção para garantir aos professores o exercício de sua profissão com tranquilidade.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico aponta o Brasil como um dos países que mais causam agressões contra professores, fato que a maioria dos brasileiros desconhece. Violência aqui é apontada num vasto sentido, abrangendo bullying, represálias por parte dos alunos, agressões. São situações que vão depreciando a carreira docente junto aos jovens, indicando que o ofício, nos tempos atuais, é exercido sob tensões e prejuízos. As causas das agressões podem ser inúmeras, levando em conta o narcotráfico nos arredores da escola, questões familiares ou carência de prestação de serviços adequados dentro da instituição escolar. Além disso, em tempos de instabilidade política e redução drástica de recursos direcionados à educação, é possível que esses casos de agressão se tornem recorrentes, e não existem medidas preventivas, uma vez que os casos são averiguados quando a agressão já foi consumada, ou seja, não existem medidas preventivas. O momento atual que vivenciam as instituições escolares é delicado, segundo os educadores, e não se pode aguardar que educadores se tornem vítimas dentro da escola sem que haja uma conscientização e uma prevenção adequada.

O uso excessivo da força policial contra as manifestações públicas de professores parece naturalizar-se, assim como falas de indignação contra esse uso indiscriminado da força. Registros imediatos desses acontecimentos influenciam na formulação de discursos ambivalentes sobre professores. Um comentarista dos ambientes virtuais, por exemplo, afirmou: professores não devem ser tratados como bandidos, a não ser de que eles tenham agido como tais! Ou seja, professores participam das mobilizações, se engajam nas lutas de seu tempo, resistem às leis e ameaças. Eles compreendem a complexidade das relações de poder, ou melhor, o caráter complexo dessas relações, os efeitos delas sobre seus desempenhos, assim como a necessidade do respeito e do reconhecimento do real valor dos professores na sociedade atual. Entretanto, a violência contra eles parece encontrar justificativas em uma série de argumentos, alguns pautados na manutenção da ordem e preservação do patrimônio público, outros fundamentados em suas escolhas políticas. Sobre esses acontecimentos, Gadini lembra que

... o outono paranaense teve bem menos flores, e muito mais bombas, tiros com balas de borracha, disparos de bombas com gás de pimenta e gás lacrimogêneo, tropa de chope escondida no subsolo da Assembleia Legislativa, além de cães pit bull treinados, deixando muito governo ditatorial envergonhado... (Gadini, 2015, p. 15).

Emergem também projetos de reforma do ensino médio² e outros que visam ao monitoramento da fala de professores, censurando posicionamentos políticos e exigindo uma postura supostamente neutra diante dos conflitos sociais, sejam eles da ordem política e/ou concernentes às questões de gênero e sexualidades.

Três aspectos permeiam essa escolha profissional, e em alguma medida se fazem presentes nas considerações dos futuros profissionais do ensino de sociologia, especialmente quando são elaboradas compreensões sobre conflitualidades que a constituem: a consolidação da disciplina no Ensino Médio, a distinção entre bacharelado e licenciatura, a precarização do ofício de professor na cena social atual.

Sobre o primeiro aspecto, longe de estarem superadas distinções disciplinares com o retorno da sociologia ao Ensino Médio através de Leis e Pareceres³, a credibilidade da real importância do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e do profissional que nela atua ainda é questionada frente a outras disciplinas consolidadas nos currículos escolares. Algo observável em questionamentos feitos por secundaristas como, por exemplo “o que vai ser estudado tem importância? Para que serve a sociologia? Qual a função da sociologia? Qual é a utilidade dessa matéria? A disciplina de sociologia é cobrada no concurso vestibular? Onde a sociologia se aplica no mundo do trabalho? Onde vou usar a sociologia? Confusões com outras disciplinas do campo humanístico também não são incomuns, explicitadas em comentários e perguntas como: que aula é essa? Filosofia? História? Todas parecem iguais, ainda não sei para que servem, não sei qual é a diferença!”

A vivência no cotidiano da sala de aula, decorrentes da especificidade da disciplina de sociologia, segundo a avaliação de diversos estagiários, demanda tensionamentos e realizações. O reconhecimento do ensino e da aprendizagem, do significado e da importância dos conteúdos sociológicos para a formação, na educação básica, é um objetivo permanente. E, segundo Axel Honneth, a última esfera de reconhecimento, a solidariedade, está ligada à aceitação do indivíduo, em diálogo com os valores cultivados na comunidade em que se insere. É nessa esfera que o indivíduo trabalha a autoestima, confiante de suas realizações pessoais e do desenvolvimento de aptidões reconhecidas pela comunidade. (Salvadori, 2003, p.191). Somam-se, portanto, na luta pelo reconhecimento aspectos de ordem profissional e individual. Não há como separá-los, segundo a avaliação de alunos estagiários.

2 Ver: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_09> acesso 04 de julho de 2017.

3 Ver: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32546>> acesso 04 de julho de 2017.

Ser aceito, acolhido pela comunidade estudantil, e pela comunidade escolar no seu amplo formato, significa também acolher a disciplina de sociologia e reconhecer sua real importância. Por vezes, é possível perder-se e encontrar-se, em plena sala de aula, nas tentativas de resgatar e construir definições sobre o que é “mesmo” sociologia e qual sua relevância na vida estudantil.

Sobre o segundo aspecto, é necessário reconhecer que no campo da formação também pesam distinções entre Licenciando e Bacharelados em Ciências Sociais, e o Dicionário de Verbetes e Jargões Acadêmicos (Padinha, 2016) as apresenta, referindo à Sociologia Acadêmica como aquela que se desenvolve dentro da Universidade, com enfoque na pesquisa e produção de conhecimento científico. Predomina a presença de sociólogos preocupados com teorizações e dedicados à formulação de conceitos. Habitualmente, dedicam-se à universidade e não costumam dedicar tamanha importância ao ensino de sociologia na escola, envolvidos prioritariamente com a formação de novos Cientistas Sociais. Esse é o enfoque em cursos de graduação do Bacharelado em Ciências Sociais.

A Sociologia Escolar, por seu turno, volta-se à prática pedagógica e à promoção de assuntos tais quais Antropologia, Ciência Política e Sociologia na educação básica, direcionada especialmente ao Ensino Médio, e constitui-se tendo um enfoque profissionalizante, num viés interdisciplinar, por dialogar essencialmente com a área da Educação representada pelo Ensino e Currículo nas escolas.

Encontram-se, na esfera acima referida, profissionais que acreditam na relevância do ensino de sociologia na educação básica, dentre eles os próprios professores atuantes dentro da escola, alguns pós-graduandos, mas também se verifica a atuação no seio escolar de pesquisadores vinculados às universidades. Encontramos esse enfoque na Licenciatura em Ciências Sociais. Cabe ressaltar que há uma preocupação por parte dos licenciandos com a teorização, com os conceitos e com a pesquisa acadêmica, mas o que é central, importante para o futuro professor de sociologia é a possibilidade de transformar teorizações, conceitos e pesquisa em algo que faça sentido, que tenha alguma funcionalidade e que possa ser apreendido pelos alunos do Ensino Médio, ou seja, como tornar os conteúdos sociológicos algo acessível aos jovens que estão nessa etapa de formação.

Um estagiário relata a surpresa de uma supervisora de escola quando foi informada que a Faculdade de Educação da universidade era separada da faculdade de Ciências Humanas. E que o contato propriamente dito com o universo docente e discente da educação básica só ocorria na realização das disciplinas da faculdade de educação, separado da formação, cuja base, desde o início, não era voltada para a prática docente. Afinal, parecia não fazer sentido, de acordo com a avaliação da supervisora, que futuros professores de sociologia somente “mergulhem na realidade das instituições escolares”, teórica e empiricamente,

no final de suas trajetórias de formação. Também havia uma ressalva: embora as disciplinas da Faculdade de Educação fossem ofertadas nos segundos semestres, sobre elas pesavam o status de menor importância, de menor qualidade para a formação na Licenciatura em Ciências Sociais. Uma crença disseminada nos cursos de licenciatura e bacharelado por professores e alunos.

O estagiário acima referido, ao ser questionado sobre por que isso ocorria, confessou não saber a resposta final, mas tinha conhecimento de que alguns ensaios compreensivos, sobre essa situação, já estavam em curso em poucas disciplinas da formação, da licenciatura em Ciências Sociais. Talvez, nos termos de Bourdieu, as distinções entre Bacharelado e Licenciatura impliquem na afirmação da superioridade de alguns em relação à inferioridade de outros, desempenhando uma função de legitimação das diferenças que os constituem. Algo da ordem da violência simbólica.

Nos cursos de sociologia, o bacharelado e a pesquisa são considerados diferenciados e de maior importância que o trabalho realizado junto à educação básica. Vale lembrar que essa diferenciação não é incomum em outras áreas de conhecimento onde se encontram cursos de licenciatura e bacharelado. Trata-se de um mecanismo consagrado de estabelecimento de interesses (por vezes diferenciados), de hierarquias, de qualificações, de apreciações distintas. Isso poderia implicar uma espécie de depreciação, de desqualificação do ofício do professor em relação ao acadêmico.

O ofício docente se dá diante de uma possibilidade real, concreta, de transformação e de contribuição às novas gerações, enquanto o acadêmico habitaria uma espécie de universo paralelo, de um contexto que parece só fazer sentido ali, naquele espaço e, ainda que distanciado da concretude da sala de aula, desfruta de grande reconhecimento social. Acadêmicos, intelectuais teriam uma visão abstrata dos problemas da educação, distanciados das instituições escolares (e pouco interessados nos seus problemas) e não reconheceriam, de fato, as dificuldades da profissão docente, as impossibilidades do labor, o nível precário de conhecimento dos alunos (Dubet, 1997, p. 6-7). Fariam sentido, portanto, afirmações corriqueiras nas formações, em diferentes licenciaturas, e expressadas por professores atuantes na educação básica de que teoria é uma coisa e prática é outra? De que a verdadeira formação de professor se constrói da sala de aula? De que o aprendizado do ofício só se dará no espaço da sala de aula? De que a universidade se encontra distanciada do universo escolar básico e não entende, e nem quer entender seus conflitos, complexidades e potencialidades?

Sobre o terceiro aspecto, a precarização do ofício de professor no contexto atual, ela é uma condição profissional da atualidade amplamente presente na fala dos futuros professores. Uma precarização que abrange ampla gama de aspectos que vão das condições estruturais às condições pessoais. O conceito

de precarização pode ser comparativo, levando em conta algo que adquiriu contornos estáveis (trabalho permanente) homogêneo e previsível, verificado até as décadas de 1970 e 1980. A imprevisibilidade, fragilidade e deterioração do trabalho na atualidade, traduzida num contexto de diminuição de qualidade do trabalho, de insegurança e de depreciação das relações trabalhistas, torna frágeis também as relações sociais e a própria questão identitária do indivíduo, que se reconhece como ator social exercendo seu ofício. Nesse contexto, a violência é fertilizada. (Gennari, Albuquerque, 2012, p.75).

Na análise das mutações do capitalismo contemporâneo e seus efeitos no campo educacional, se encontram os estudos de Bauman. Esse autor afirma que os educadores contemporâneos se deparam com desafios impensáveis em tempos passados. A atualidade é conformada por contínuas substituições de conhecimentos, de metodologias, de descartes (inclusive humanos), de desinstitucionalização, de privatização e a “individualização” dos processos e das situações de ensino e aprendizagem, além da gradual e inexorável substituição da relação ortodoxa professor-aluno por aquela de fornecedor-cliente, ou aquela centro comercial-comprador” (Bauman, 2009, p. 670). Desafios de viver em um mundo ultra saturado de informações e, continuamente, educar novas gerações neste novo modo de viver, onde não existem mais regras seguras para a prática das profissões, e os conhecimentos logo envelhecem em prol de um sempre novo, um processo que contribui para a larga produção da ignorância humana. (Bauman, 2009, p. 674).

No âmbito educacional, mormente a educação pública, a precarização profissional concerne às más instalações das escolas, à eterna falta de recursos, ao uso de equipamentos sem manutenção técnica, aos banheiros, as salas de aula, aos corredores em péssimas condições físicas, aos cortes de verbas, ao desconforto generalizado com salários baixos e pagos, não raras vezes, de forma parcelada. Muitos professores trabalham em mais de uma instituição e precisam deslocar-se cotidianamente de um lugar para outro, por vezes são grandes distâncias, os problemas de saúde, as licenças, as faltas às aulas, justificadas ou não, são constantes e a violência na escola e em seu entorno, encontra-se naturalizada para alguns profissionais.

De acordo com os relatórios dos estagiários, assim como em observações feitas diretamente nas instituições, verifica-se certa regularidade relativa aos problemas de infraestrutura, o que, na avaliação dos estagiários, pode provocar o desestímulo, o desinteresse, o encontro de “relações estilhaçadas” (Dubet, 1997, p. 228). São condições que vão conformando um ambiente de trabalho degradado, enfraquecido, deteriorado. As melhorias profissionais por vezes são buscadas através de greves, de movimentos, de passeatas, atos de protesto, e

a reação do Estado não tem prescindido do uso desmedido da força (Gadini, 2015, p. 14).

Nas palavras de uma estagiária:

A profissão docente abarca muitas incertezas que correspondem, mesmo que sutilmente, a uma fluidez e uma necessidade de adaptação ao mundo atual. A trajetória tende a ser marcada por diversos momentos, talvez frequentes, de frustrações, medos, decepções, apuros, medos e desesperanças que podem até acarretar em consequências dolorosas.⁴

Nesse cenário, cabe o questionamento: por que o jovem da atualidade deveria se preocupar com a possibilidade de um trabalho duradouro, estável, se as prospecções de um futuro profissional durável, permanente, são da ordem do impossível? Além disso, as mudanças em curso na sociedade brasileira no que se refere, por exemplo, aos direitos trabalhistas e ao tempo de aposentadoria aprofundam questionamentos sobre a possibilidade de estabilidade e projetos de vida a médio e longo prazo.

Conclusão: por que persiste nos alunos o desejo pelo ofício de professor de sociologia?

A precarização do ofício de professor em Ciências Sociais e o quão perturbadores são os prognósticos dessa classe laboral inscrevem-se em um cenário onde a preocupação em responder a um estilo de vida que caracterizou gerações anteriores parece não encontrar mais lugar. Acabou uma tradição, na avaliação dos estagiários, que imperava em décadas anteriores, traduzida nos projetos de obtenção da casa própria, na constituição de uma família, na consolidação de uma carreira de pouca flexibilidade. Em linhas gerais, a escolha de uma boa formação garantiria solidez e estabilidade profissional, bastaria percorrer uma sucessão de etapas, a denominada carreira, e o labor escolhido poderia ser vivenciado de forma exitosa.

Os tempos profissionais atuais são de alterações socioeconômicas, de volatilidades, de mudanças culturais, de incertezas, e especialmente, de grande vulnerabilidade. Neles, palavras como indivíduos proativos, independentes, competitivos, capazes de administrar individualmente seus trajetos laborais, aprendizado contínuo e capacidade de adaptação às mutações constantes dos conhecimentos tecnológicos, ganham a cena social. No contexto atual, há “...

4 Katiele Santos da Silva. *A formação do professor: o processo de identidade docente e a perspectiva da docência como profissão na contemporaneidade*. (Relatório de Estágio). UFRGS, 2014.

uma mudança da responsabilidade da orientação da carreira para o indivíduo, que deve adequar-se continuamente às transformações do mercado de trabalho”. (De Luca, 2014, p. 3).

São tempos turbulentos nos quais caberia questionar como esses jovens se imaginam nos anos subsequentes a suas formações. O que motivaria os estudantes a concluírem a graduação nessa área específica de conhecimento? Qual seria a função da sociologia no ensino médio tão à mercê de projetos tidos ora como progressistas ora como conservadores? A sociologia “retorna” ao Ensino Médio desafiando os seus profissionais à produção de currículo, conhecimentos e didáticas apropriadas às demandas da educação da atualidade. Entretanto, esse retorno não está consolidado, visto o questionamento (da validade, da importância e da utilidade dos conhecimentos sociológicos) presente na discussão nos projetos de reforma educacional vigentes, lançados no contexto atual. As ciências humanísticas em geral (história, filosofia, sociologia) são visualizadas como disciplinas em que seus profissionais defendem posturas ideológicas, partidárias, desinteressantes para as escolhas profissionais dos estudantes do Ensino Médio. O campo técnico, com seus saberes, suas ciências e tecnologias, supostamente responderia mais aos anseios dos jovens por garantias no mercado de trabalho.

Ademais, não são incomuns as observações de alunos dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais de que vivemos tempos violentos e imprevisíveis. A improvisação e a sensação de que as coisas mais duradouras estão sujeitas a instabilidades e incertezas são vivenciadas por todas as pessoas, em especial no cotidiano mundo do trabalho. Nas palavras dos alunos, há uma sensação empírica, não muito bem elaborada, de que “se dança conforme a música”. Acepções tais quais “não vou me preocupar com o trabalho, porque nunca vou me aposentar”, são ilustrativas das incertezas profissionais que constituem o jovem contemporâneo em formação. Isso não significa que ele não trabalhe, mas que suas condições de atuação profissional são outras, se diferenciando do modelo anterior, no qual era possível prever razoavelmente o ápice de uma trajetória no mundo do trabalho.

Alunos estagiários afirmam que o principal significado da escolha profissional é atribuído ao impacto potencial que o sociólogo pode exercer na vivência e cosmovisão de um aluno, pois é preciso uma educação mais humana. O ensino de sociologia pode contribuir para a elaboração de pensamentos críticos, visto a realidade que se apresenta cada vez mais alienante e, portanto, é necessário fazer algo com o que se tem hoje, ao invés de se “jogar para o futuro” as possibilidades de uma vida melhor para todos. É um terreno fértil que se com habilidade é explorado, a atuação microfísica pode, de alguma forma, alterar a realidade material. Isso significa produzir rupturas em unilateralidades de pensamento e, assim, romper com a lógica reprodutiva do status quo. Para tanto, é necessário

buscar uma metodologia de aulas que parta da concretude e da realidade dos discentes, mas não fique na mera repetição do conhecido método cansativo, métodos que servem às formas reprodutoras das diferenças de classe.

As salas de aula, as instituições escolares são universos de experiências, de energias, de vidas, muitas delas não contempladas pelas reformas, pelos currículos e pelos livros didáticos oficiais. Talvez, avaliam os estagiários, o enfraquecimento e o desaparecimento das instituições escolares indiquem a necessidade de reconstruí-las a partir de outros moldes. Moldes, menos descontextualizados, menos estereotipados, menos descolados da realidade dos alunos, homogeneizantes e em descompasso com culturas dinâmicas em constante transformação. A saber, reconstruí-las como espaços ocupados por pessoas, jovens e adultas, nos quais as relações sociais ocorram de forma horizontal, independentemente das identidades de gênero e sexuais. Reconstruir instituições escolares onde os conceitos de inclusão, cidadania, democracia não soem como meros clichês, em que os conhecimentos permitam uma compreensão amplificada do mundo da vida e as demandas (tradicionalmente ausentes nos projetos de governo) trazidas pelos estudantes, pelos professores e pelos funcionários não sejam consideradas de menor importância. Construir espaços onde os aspectos multifacetários da violência não encontrem lugar.

A oportunidade de dar aulas, a docência, para muitos deles, significou se colocar e se imaginar exercendo uma profissão, percebida anteriormente como impossível, como improvável. No ato de exercê-la, a impossibilidade se transformou em algo possível, prazeroso, exigente e desafiante. Assim como implicou a descoberta de afinidades com alunos. Planejar, observar, aprender, fazer conexões dos fatos trazidos por eles com os conteúdos da disciplina, tentar traduzi-los, a partir de ferramentas sociológicas, foi uma experiência enriquecedora, em muitos aspectos, especialmente no entendimento das vicissitudes que envolvem o ensino e a aprendizagem da atualidade.

Uma professora, atuante há muitos anos na educação básica, perguntou a uma jovem estagiária: “mesmo vivenciando todos os problemas do ensino público, durante sua experiência de estágio (precarização, violências, descasos, desmotivações, entre outros) você ainda quer ser professora?” A estagiária, rapidamente, segundo seu relato, respondeu que sim. Ela havia se envolvido com a rotina da escola, compartilhado conhecimentos e afetos com alunos e professores e não via motivos para tentar seguir outra trilha profissional, para desistir da docência. Pelo contrário.

Sousa Santos afirma que seu “otimismo trágico” resulta da dupla ideia de que são enormes as dificuldades em imaginar e mais ainda em construir uma sociedade mais justa e equilibrada, não só nas relações entre humanos, mas também nas

relações entre estes e a natureza, e de que, por outro lado, essas dificuldades não são tão inelutáveis que eliminem de todo a possibilidade das alternativas.

Parece-nos que a máxima do autor antes referido de que “não há como prescindir da capacidade de se buscar alternativas” e a de que “a sociedade, tal como ela está, exige inconformismo, transformação” nos permitem pensar na atuação e nos sentidos atribuídos pelos futuros professores de sociologia, no Ensino Médio, a suas escolhas profissionais. Porque mesmo diante do reconhecimento das problemáticas que perpassam a atuação profissional no contemporâneo, sejam elas decorrentes do não reconhecimento, da disciplina do ensino médio, da diferenciação entre bacharelado e licenciatura, e da precarização do trabalho e da educação, em termos gerais, persiste a vontade de ser professor e de lutar pelo reconhecimento, pelo fim do elitismo acadêmico e por melhores condições de trabalho e de valorização da educação na sociedade brasileira. Naquilo que existe está contida a potencialidade do diferente, a possibilidade do que Ernst Bloch chama o “ainda não”: as tendências, as latências, as emergências (Sousa Santos, 2012, p. 685).

Onde o poder se exercita, de acordo com argumentos foucaultianos, sempre há uma possibilidade de resistência. São lutas necessárias, constituintes da própria profissão e é necessário considerar as muitas possibilidades de vivê-las. Não existe um conformismo, mas sim a aposta no argumento de que a realidade não pode ser reduzida ao que está dado. Com essa perspectiva, os informantes do presente artigo também atentam para a necessidade de se produzir uma agenda de pesquisa-ação, na qual de se considere a possibilidade da sociologia permear, atravessar diversos conteúdo do campo educacional, inclusive com ações na burocracia institucional. Eles lembram que é possível também atuar profissionalmente de outras formas, em outros espaços de ensino de sociologia, como educador social em organizações não governamentais (ONG's) e afins, e que o currículo, em suas amplas configurações, é um campo fértil, e pode ser muito bem ocupado. Eles pontuam que a imersão em contextos de vida diferentes, nos trabalhos nas margens, sempre no limite, nos permitirá aprender bastante e ensinar tanto quanto possível. De que às vezes é necessário ir devagar, especialmente quando forças que aniquilam a vida exigem o contrário.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista sobre Educação. Desafios pedagógicos e Modernidade Líquida. *Cadernos de Pesquisa* São Paulo, v. 39, n. 137, mai./ago. 2009.

_____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a desintegração do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CPERS/SINDICATO – CENTRO DOS PROFESSORES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://cpers.com.br/cpers-exige-que-governo-garanta-a-integridade-fisica-dos-educadores/>> acesso em: 14 julho de 2017.

COGO, Denise. Apresentação. In: GADINI, Sérgio Luiz (Org.). Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015 (Ponta Grossa: Estúdio Texto) [livro eletrônico] Disponível em: <[http://pitangui.uepg.br/proesp/ppgjor/DocPdf/COBERTURAS%20JORNAL%C3%8DSTICAS%20\(DE\)MARCADAS.pdf](http://pitangui.uepg.br/proesp/ppgjor/DocPdf/COBERTURAS%20JORNAL%C3%8DSTICAS%20(DE)MARCADAS.pdf)> acesso em: 10 de julho de 2017.

DE LUCA, Gabriela; OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; CHIESA, Carolina Dalla. Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreira: Projeto e Metamorfose de Indivíduos e Coletividades, Paper apresentado. XXXVIII Encontro Nacional dos Programas de Pós Graduação em Administração (ENANPAD), 13 a 17 de setembro. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_GPRI1542.pdf> acesso em: 20 de junho de 2017.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5, mai./ago. 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GADINI, Sergio Luiz (Org.). Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015 (Ponta Grossa: Estúdio Texto) [livro eletrônico] Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39968731/COBERTURAS_JORNALISTICAS_DEMARCADAS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1499296623&Signature=WVf%2Bzw5hyNoGI%2F9Z71NfabnmjgY%3D&response-content+disposition=inline%3B%20filename%3DO_acontecimento_em_140_caracteres_os_pro.pdf#page=82> acesso em: 05 de julho de 2017.

GENNARI, Adilson; ALBUQUERQUE, Cristina. Globalização e reconfigurações do mercado de trabalho em Portugal e no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 79. 2012.

SEMER, Marcelo. “Datena e o populismo penal no poder”. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2015/07/24/datena-e-o-populismo-penal-no-poder/>> acesso em: 22 de agosto de 2017.

SOUSA SANTOS, Boaventura. O intelectual de retaguarda: Entrevista a Boaventura Sousa Santos. *Análise social*. Lisboa, v. 47, 2012. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_204_f01.pdf> acesso em: 20/05/2016.

TEIXEIRA, Alex Niche. Televisão, hipercrimes, e violências na Modernidade Tardia. In: TAVARES DOS SANTOS, José Vicente; TEIXEIRA, Alex Niche; RUSSO, Maurício (Orgs.). *Violência e Cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2011.

PADINHA, Maria do Socorro Ribeiro [et al.]. *Dicionário de Verbetes e Jargões Acadêmicos*. Porto Alegre: CirKula, 2016.

Parte IV

VIOLÊNCIA E GÊNERO
VIOLENCIA Y GÉNERO